



Caroline Terra de Oliveira¹

Vanderlise Barão²

Maria de Fátima Santos da Silva³

Cauê Canabarro⁴

RESUMO

O presente trabalho debate a temática indígena na escola, enfocando-se a discussão, principalmente, sobre as problemáticas que perpassam essa instituição e a formação dos educadores, sobre os desafios e as possibilidades que enfrentam atualmente ao abordarem esse assunto em sala de aula. Destaca-se que as reflexões são fruto da troca de conhecimentos e saberes construídos a partir de um curso de extensão intitulado “A temática indígena na escola: discutindo práticas pedagógicas e saberes docentes”, realizado na Universidade Federal do Rio Grande.

Palavras-chave: Educação; Povos indígenas; Escola; Formação de educadores.

ABSTRACT

This article discusses the theme indigenous in school, focusing on the discussion, mainly on the issues that permeate this institution and the training of educators, about the challenges and possibilities that face actualy to discuss this subject in the classroom. In particular, discussions are the result of the exchange of knowledge developed of the a curse of extension entitled "The indigenous tematic at school: discussing pedagogical practices and knowledge teachers”, held in the Federal University of Rio Grande.

Key words: Education; Indigenous people; School; Training for educators.

¹ Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande, Especialista em Sociedade, Política e Cultura do Rio Grande do Sul e Mestre em Educação Ambiental pela mesma instituição. Grupos de pesquisa: Educação Ambiental Não-Formal e Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Estética Onírica (NUPEEO). E-mail: carolineambiental@hotmail.com.

² Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002) e mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005). Doutorado em andamento em Programa de Pós Graduação em História - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: xuxuvander@hotmail.com.

³ Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande, especialista em Sociedade, Política e Cultura do Rio Grande do Sul e mestre em Educação Ambiental pela mesma instituição. Professora de História da rede municipal da cidade do Rio Grande. Atualmente, é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – FURG. E-mail: cahisfurg@yahoo.com.br.

⁴ Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande. Atualmente, é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental pela mesma instituição. E-mail: cauecanabarro@yahoo.com.br.



RESUMEN

Este documento debate sobre las cuestiones indígenas en la escuela, centrándose principalmente en la discusión de los problemas que permean la institución y la capacitación de educadores sobre los desafíos y oportunidades que enfrentan hoy en día cuando se trata de este tema en el aula. Cabe señalar que las reflexiones son el resultado del intercambio de conocimientos y la experiencia acumulada de un curso de extensión titulado "Las cuestiones indígenas en la escuela: debatiendo las prácticas de enseñanza y los conocimientos del profesor", celebrado en la Universidad Federal de Río Grande.

Palabras clave: Educación; Los pueblos indígenas; La escuela; La formación de los educadores.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende ser um alerta para os educadores que, voltados para a questão indígena, encontram inúmeras dificuldades em abordar tal temática em sala de aula. Gostaríamos de propor aspectos que avancem para além da apresentação de parâmetros gerais sobre a cultura e as visões de mundo desses povos, para assim salientarmos a existência de diferentes universos culturais que coabitam num mesmo espaço de tempo e lugar, dando aos nossos alunos a dimensão da diferença não como uma coisa distante e pouco significativa para eles, mas como algo do seu cotidiano, para assim, aos poucos, rompermos a barreira do preconceito.

Um dos objetivos do curso de extensão "*A temática indígena na escola: discutindo práticas pedagógicas e saberes docentes*" foi proporcionar um espaço reflexivo, de diálogo e troca de saberes entre os docentes da rede estadual e municipal de ensino, bem como entre os docentes e discentes da Universidade Federal do Rio Grande. Os docentes que organizaram o curso, abrangendo um total de oito educadores, são de diversas áreas do conhecimento, incluindo a História, a Literatura, a Pedagogia, o Direito, a Arqueologia e a Educação Ambiental, o que consolida o seu enfoque interdisciplinar. Destaca-se, além disso, que o número aproximado de participantes foi de 38, incluindo educadores da rede básica da cidade do Rio Grande e graduandos dos cursos de licenciatura da universidade. A temática indígena constituiu o eixo principal de discussão, enfocando-se a reflexão, principalmente, sobre as problemáticas que perpassam a escola e a formação de professores, sobre os desafios e possibilidades que enfrentam atualmente.

Como o curso se desenvolveu através de um enfoque interdisciplinar, foi imperativo que o debate crítico fosse aprofundado através da discussão de temas transversais que envolvem os



processos educacionais, políticos, econômicos e identitários dos povos indígenas como: história indígena no Brasil, Educação Ambiental Formal e Não-Formal, arqueologia indígena, produção musical dos povos nativos, literatura e cinema. Temáticas que perpassam a cultura destes povos, as quais foram trabalhadas através do diálogo no grande grupo, baseando-se na leitura de artigos e resenhas relacionados ao assunto, bem como através das oficinas com a reprodução de danças indígenas.

A metodologia do curso incluía o debate no grande grupo, palestras com a professora de História e arqueóloga Vanderlise Barão sobre as culturas indígenas e as problemáticas que eles vivenciam na atualidade e leituras de artigos de autores como Carlos Alberto Ricardo, Eduardo Góes Neves, Dominique Gallois e Rosa Dias da Silva. Além disso, os educadores que organizaram o curso proferiram oficinas sobre as danças e músicas indígenas.

A metodologia foi estabelecida pelos professores que organizaram o curso. Entretanto, a sua construção estava aberta para sugestões de mudança que poderiam ser indicadas pelos participantes a qualquer momento do curso.

Assim, de 09 de outubro de 2007 a 27 de novembro de 2007, tivemos oito encontros semanais para discutir, criar atividades e aprender um pouco mais sobre as populações indígenas que habitam conosco o mesmo território nacional, e que tanto estão presentes no nosso dia a dia, pois é desses povos que vêm a maior parte da nossa base cultural e hábitos cotidianos em geral. Desde a alimentação até o trato da terra, o cuidado com os filhos, as palavras do nosso vocabulário e nomes de lugares tem origens indígenas. Os encontros foram sempre abertos aos debates e questionamentos dos participantes, dando ênfase para que as pessoas trouxessem as suas dificuldades, e para que a partir das propostas do programa se criassem algumas atividades possíveis em sala de aula.

Reflexões sobre a prática docente: reconhecimento das percepções e leituras sobre as populações indígenas

Desenvolveremos no texto a seguir um relato das atividades realizadas no curso de extensão e as reflexões construídas junto aos educadores da rede pública estadual e municipal da cidade do Rio Grande, bem como junto aos graduandos dos cursos de Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande.



Assim, a partir do primeiro encontro, objetivamos resgatar as percepções dos educadores e estudantes sobre o indígena. Desse modo, propomos que os participantes descrevessem a imagem que possuem do índio através de desenhos, frases, palavras ou símbolos. Os participantes relataram a sua visão sobre o índio a partir dos desenhos que realizaram, refletindo as convergências e divergências de suas percepções. A grande maioria apresentava uma visão destas populações ainda atrelada à questão do meio ambiente, percebendo o indígena como um ser ingênuo, puro, com vivências desvinculadas dos valores capitalistas.

Trabalhou-se com o texto de Carlos Alberto Ricardo (1998: 29 - 56), através de leituras e debate no grande grupo, onde foi possível apontar para a grande diversidade das populações indígenas existentes no Brasil, bem como as diferenças lingüísticas e culturais presentes dentro dessa ampla diversificação populacional. Dessa forma, tentamos romper com a idéia de “índio”, como sendo um único segmento de população dentro da sociedade brasileira e trazendo a tonalidades políticas e de categoria jurídica que implicam em tal distinção. Foram levantadas questões sobre a origem dessas populações na América, bem antes da conquista e depois dela, como também assuntos relacionados à política de integração e a uma historiografia que omite a resistência dessas culturas e as identidades indígenas.

E por fim, neste primeiro encontro, havia ainda o texto de John Monteiro (1998: 221 – 228), em se discutiu com o grupo a história indígena no Brasil, como tema de pesquisa. Portanto, reforçamos o fato de haver uma ideologia na forma de escrever história e elencar quem deve ser seus protagonistas. A exclusão dos índios e de diversos outros grupos sociais que fazem parte do Brasil estão fora por que se quer legitimar algo, e para isso se escolhe que “história contar”. Neste texto Monteiro (1998) abre um panorama das pesquisas abrangendo a temática indígena e mostrando o quão recente são estas preocupações por parte dos historiadores.

Os participantes do curso destacaram que a história dos índios no Brasil sempre foi delegada aos antropólogos, e somente a eles deveriam demandar tal questão. Os historiadores não costumavam se adentrar nessa área e em muito contribuíram para que os nossos livros didáticos trouxessem apenas vestígios parcos sobre a questão indígena no nosso país, fazendo a todos acreditar que os índios teriam desaparecido do cenário nacional.



Essa discussão entre os educadores foi interessante para entender o quanto o preconceito velado foi disseminado, e ainda hoje o é, nas nossas escolas, na educação de base, pois se acreditamos que não há índios no país, quem seriam esses povos que aparecem nos jornais reivindicando direitos à terra, e quem seriam esses homens e mulheres que vemos nas estradas e nas ruas das grandes cidades vendendo seus balaios e pedindo esmolas? Esta foi uma das inquietações apresentada pelos professores.

A omissão sobre a situação social desses povos vem do desconhecimento sobre a sua existência e a sua posição dentro da sociedade brasileira. E nossas escolas têm o dever de reverter esse quadro, para poder formar cidadãos mais conscientes e críticos das políticas públicas aplicadas às minorias, uma vez que essas políticas atingem suas próprias famílias e não só a dos indígenas distantes – que não estão tão distantes assim, já que muitos grupos vivem nas cidades ou próximas a elas e frequentam as mesmas escolas.

No segundo encontro, indicou-se como leitura para discussão no curso, um texto de Eduardo Góes Neves (1998: 171 – 192), que trata da questão arqueológica. O debate no grande grupo foi muito enriquecedor, discutindo-se a antiguidade das ocupações indígenas no território brasileiro no intuito de questionarmos as políticas aplicadas à territorialização dessas populações, já que estas seriam as reais donas destas terras.

Realizou-se a palestra “*Programa de Educação Waiãpi*”, proferida pela professora Vanderlise Barão, baseado no trabalho de pesquisa da antropóloga Dominique Gallois. O objetivo da palestra foi discorrer sobre o Programa de Educação Waiãpi, projeto iniciado em 1992 pelo CTI (Centro de Trabalho Indigenista)⁵, enfocando a política de formação de professores indígenas, tendo os índios Waiãpi, população que habita o estado do Amapá, como parceiros neste projeto. Porém,

⁵ O Programa de Educação Waiãpi atende a uma reivindicação dos índios Waiãpi, cujas terras se localizam no Estado do Amapá: o desejo de aprender “coisas dos brancos”. Assim, o objetivo deste programa é instrumentalizar os jovens indígenas para a aquisição de conhecimento e controle de técnicas que estão em domínio de não-índios como, por exemplo, poderem ministrar aulas às crianças indígenas, instrumentalizá-los para poderem estabelecer um melhor controle das relações com o governo, com os missionários e com a população regional, compreenderem e utilizarem com eficiência os instrumentos jurídicos para a defesa do seu território. Por solicitação da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Amapá foi organizado, em 1991 e 1992, um Núcleo de Educação Indígena (NEI), o qual atuaria na organização do Programa de Educação Waiãpi. Seriam contratados professores estaduais para atuarem na educação escolar indígena e formação de professores indígenas para atuarem nas aldeias Waiãpi. Fonte: www.rbep.inep.gov.br.



refletiu-se o perigo destes programas de natureza técnica quando suas metas não correspondem aos anseios e perspectivas destas populações.

Organizou-se no terceiro encontro uma proposta de reflexão sobre o resgate da imagem do indígena presente nos livros didáticos utilizados nas escolas públicas da rede estadual e municipal de ensino, utilizando livros datados a partir de 1998 até a atualidade. Os participantes se organizaram em grupos e formularam as suas reflexões críticas sobre o conteúdo presente tanto nos textos, quanto nas imagens que dizem respeito ao indígena.

A partir da análise dos livros e do debate crítico, os participantes do curso perceberam que existe a ausência do índio nos livros didáticos e quando ele está presente, ocorre a imagem de um ser mitificado, como parte indissociável de um meio ambiente selvagem, de cultura impenetrável pelos interesses e valores capitalistas. Os educadores destacaram que, no discurso presente nos livros, os verbos se encontram sempre no passado, reforçando a idéia de um índio que existiu somente na época da conquista européia, pois não é tratado como parte integrante da evolução histórica do Brasil.

Os professores de História destacaram que essa característica se percebe, principalmente, nos livros didáticos de História que tratam do indígena somente no período da invasão portuguesa. Além disso, o homem branco é mostrado sempre como um ser de cultura superior. O índio é mostrado como um ser apaziguado, o “bom selvagem”, que não faz guerras, o ser humano benevolente que deseja somente a paz. A sua imagem está relacionada a certos símbolos como as penas, tangas e pinturas no corpo.

Procurou-se no quarto encontro trabalhar a questão do uso do cinema em sala de aula, como explorar seu conteúdo, fazendo com que os alunos consigam refletir criticamente a respeito dos povos indígenas e dos problemas que eles enfrentam na sociedade atual. O primeiro filme trabalhado no curso foi um americano, chamado *O último selvagem*, que foi baseado numa história real, e se passava em 1911, na Califórnia – USA. O filme mostrava o encontro de um último remanescente de uma tribo indígena que fora dado por extinta, e que passa a conviver com a sociedade norte americana, sob a proteção de um professor do Museu de Etnologia da Universidade de São Francisco. No entanto, este homem – o índio – custa a se adaptar aqueles novos hábitos, ao mesmo



tempo, que o professor começa a questionar-se sobre a validade dos estudos acadêmicos até então realizados.

Trabalhou-se, através de palestra com a professora Vanderlise Barão, o enfoque histórico do choque entre culturas no período da conquista, assunto abordado no filme. Assim, o objetivo seria tratar sobre a dizimação dos povos originários e o processo de escravização indígena com o objetivo dos participantes compreenderem os impactos do processo de colonização nessas populações, especialmente em relação à conquista portuguesa no Brasil. O objetivo constituiu em debater temáticas que refletissem tanto o processo histórico de aculturação, escravização e aniquilamento das populações indígenas, quanto refletir o contexto atual destas comunidades, enfocando o processo atual de organização política, de ocupação da terra e dos usos dos recursos naturais.

Os participantes enfatizaram que o filme em questão seria mais adequado a uma turma do ensino médio, já que se trata de um drama. O filme trouxe abordagens para serem refletidas nos dias atuais, quando trata da dificuldade de contato entre estas populações e a “civilização branca”, como os próprios índios se referem, além de tratar do processo de aculturação. Outra importante questão que foi destacada por eles está relacionada ao papel das pesquisas acadêmicas que, em certos momentos, pautam suas investigações a partir de seus interesses quando, na verdade, deveriam cumprir a função de fornecer subsídios para as lutas e reivindicações dos índios.

No quinto encontro a organização do curso propôs assistir ao filme ‘*Tainá 2: a aventura continua*’ e refletir o uso do cinema em sala de aula, de modo que seja explorado o debate crítico sobre questões que o filme abordava. A proposta seria utilizar este filme em uma turma do ensino fundamental, séries iniciais, pois é uma história que explora a imaginação do universo infantil.

Neste dia a proposta seria uma discussão compartilhada, com a intenção de que os participantes do curso relatassem suas impressões sobre o filme, explorando a crítica de temas que se salientaram na história e estabelecendo uma reflexão com o conteúdo trabalhado até o momento. Portanto, neste dia, a atividade tinha como objetivo romper com a metodologia das palestras, estimulando a troca de saberes entre os participantes do curso, instigando-os a expressarem suas reflexões.



O filme explorou a imagem do indígena selvagem, completamente isolado, sem estabelecer relações com outros povos. Certamente, consideramos a existência de populações indígenas que ainda vivem isoladas das zonas urbanas, especialmente aquelas que se encontram na região amazônica. Mas se torna necessário enfatizar que o contato com a sociedade é uma das necessidades que estes povos reivindicam atualmente, faz parte de uma luta pelo reconhecimento e valorização de sua identidade.

Os educadores que participavam do curso enfatizaram que este filme se mostra complicado ao tratar do tema “sociedades indígenas”, já que se volta muito mais para o contrabando de animais silvestres do que sobre a questão dos índios em si. Com relação à idéia de desmistificar a imagem do índio, este filme, e o primeiro Tainá, mostram não serem adequados, pois apresentam todos os estigmas e estereótipos do indígena que até então tentamos combater.

Além disso, destacaram que não seria um bom material para uso em sala de aula, pelo menos para tratar o assunto em questão. Portanto, os professores afirmaram que outros filmes, e até desenhos animados da Disney, poderiam ser mais úteis. Entretanto, o filme por si só não traz a idéia completa, e que o educador deveria, antes de assistir ao filme com as crianças, propor-lhes trabalhos de pesquisa, aulas expositivas e com tarefas práticas, que as aproximassem da diversidade cultural e das diferenças e proximidades que teriam com as sociedades indígenas, principalmente com a infância indígena, para que quando assistissem ao filme, as crianças já tivessem alguma opinião formada e assim a discussão sobre o assunto e as proximidades com que já haviam trabalhado pudesse ser enriquecida.

O que predomina, portanto, é uma percepção estática da sociedade, o que revela um desconhecimento sobre as populações indígenas e sua história, como coloca Eduardo Neves (1998, p. 171): “A imagem das sociedades indígenas comum ao público em geral é estática: indivíduos vivendo em pequenas aldeias isoladas na floresta, representando um passado remoto, uma etapa evolutiva de nossa espécie. Enfim, populações sem história”.

Organizou-se no sexto encontro uma dinâmica em que os participantes deveriam se dividir em grupos para elaborarem um plano de aula para a 5ª e 6ª séries, outro para a 7ª e 8ª séries e um terceiro plano para o Ensino Médio utilizando a música brasileira que remete à questão indígena. Destacou-se que se deveria explorar tanto a letra, quanto as melodias das músicas.



As músicas utilizadas para se pensar a elaboração dos planos de aula foram indicadas pelos professores que organizaram o curso de extensão, sendo as seguintes: Índios (Legião Urbana); Índios Adeus (Almir Sater) e Um Índio (Zé Ramalho).

Os participantes destacaram que, para o Ensino Fundamental, seria interessante trabalhar as músicas em sala de aula utilizando a expressão corporal; também através de colagem de revistas e pintura; produção de cartazes, procurando representar no pôster a mensagem que a música procura passar em relação ao índio.

Para o Ensino Médio, os participantes trabalharam com a possibilidade das letras das músicas serem exploradas, relacionando-as ao contexto atual do índio na sociedade brasileira, nesse caso, a proposta seria estimular o debate. Além disso, poderia ser trabalhado o choque de discursos, através de leituras de manchetes de jornais e revistas, procurando estabelecer convergências e divergências entre as visões predominantes na imprensa em relação ao indígena.

Iniciaram-se as atividades no sétimo encontro, organizando-se uma dinâmica em que os participantes deveriam reproduzir o *Xongaró*⁶ (a dança dos guerreiros). Logo após, realizou-se uma palestra com a professora de História e Arqueóloga Vanderlise Barão que explicou o sentido da música e da dança para as populações indígenas. Logo após, foram trabalhadas algumas músicas dos seguintes grupos indígenas: Mbya⁷-Guarani, de Santa Catarina; grupo de canto e dança Nhãmandu Mirim; grupo Mande Reko Arandu. Explorou-se nesta oficina, portanto, a expressão corporal e a sonoridade, o sentido de experimentar diferentes sons.

A palestrante enfatizou que o índio recebe a música pelos sonhos noturnos, os quais são premonições. Através do *sonho noturno* os indígenas estabelecem uma relação com o sobrenatural, com os seus antepassados. Muitas migrações de populações indígenas são realizadas porque foram mensagens recebidas em sonhos. As rotas dos *Guarani*, por exemplo, são recebidas pelo sonho. Portanto, os *sonhos noturnos* fazem parte da construção do cotidiano das populações indígenas.

As mulheres indígenas possuem um papel ativo nos rituais de canto e dança. Tocam um instrumento denominado *Tapapu* (feito com uma taquara que bate no chão para reproduzir som). Muitos instrumentos são genuinamente indígenas, outros foram trazidos pelos portugueses, como o

⁶ De acordo com a professora palestrante Vanderlise Barão, o *Xongarô* é um ritual de dança e canto realizado todos os dias antes de entrarem na casa de reza. Ele é necessário para poderem rezar e receberem os sonhos.



violão que eles denominam de *Bacará*, e o violino que chamam de *Rabeca*. Também é mais comum entre os indígenas utilizarem o *Tambor* e o *Bacará*, uma espécie de chocalho de porongo.

Atualmente, os indígenas percebem na música um instrumento de luta e diálogo com outras populações, constitui uma possibilidade da sociedade nacional conhecer mais sobre a sua cultura. Suas letras falam muito das relações com os deuses, com a terra, com a água e o mar. Para os índios, a música representa a palavra ritualizada, transformada em canto. Os povos Guarani, por exemplo, cantam em todos os momentos do dia, inclusive as crianças.

O curso foi encerrado retomando alguns aspectos que foram trabalhados ao longo das palestras e oficinas. Priorizou-se neste dia a opinião dos participantes, o que aprenderam no curso, o que possibilitou refletirem a respeito do indígena em sua relação com a sociedade.

Um dos objetivos neste dia era resgatar a percepção dos participantes sobre o indígena antes do curso e o que mudou, depois que o realizaram. A grande maioria relatou que, anterior à realização do curso, a imagem que possuíam sobre o índio era uma imagem mitificada, que remonta ao período do processo de conquista: o índio isolado, com vestimentas predominantes no referido período, o índio que vive da caça e da pesca. Mas também questionamos essa floresta mitificada, com uma biodiversidade suficiente para alimentar essas populações. Diante da crise ambiental, com a destruição das florestas, contaminação do solo e da água, a imagem deste indígena que sobrevive da caça e da pesca se encontra somente nos livros de história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de oficinas e palestras, procurou-se estimular o diálogo reflexivo, trabalhando através de uma abordagem interdisciplinar a Educação Ambiental, a História, a Antropologia, a Música e a Literatura. As problemáticas que atingem a escola e a formação de professores integraram as discussões e reflexões sobre os povos indígenas, especialmente, em relação à necessidade da escola indígena estar fortalecida, a importância de atender à reivindicação dos índios, de fomentar políticas de formação de professores indígenas capacitados para exercerem a profissão do magistério em suas próprias escolas, além de procurar abordar a questão da valorização da sua cultura e história nos dias atuais.



É importante salientar o papel que tem a cumprir a escola no despertar para a importância destas populações, de sua história, cultura e visão de mundo, na construção de uma sociedade mais justa e comprometida com uma relação menos destruidora do meio ambiente.

Podemos afirmar que a escola ainda trabalha com uma concepção mitificada do indígena, relacionando-o à imagem de populações isentas da influência dos valores capitalistas, enfim, afirma-se uma imagem do indígena selvagem, estritamente relacionado a uma natureza preservada. E esta percepção se reflete no trabalho desenvolvido pelos educadores na escola, conforme relato dos próprios participantes do curso.

Assim, os educadores que participaram do curso, em seus relatos, enfatizaram que a maioria dos educadores ainda destaca os indígenas como sujeitos desvinculados da cultura e valores da sociedade urbana capitalista. E esta visão é reforçada através dos livros didáticos trabalhados nas escolas e nos filmes e músicas exploradas pela mídia. Como exemplo, os professores colocaram que o indígena somente é trabalhado nas escolas no Dia do Índio, sendo necessária uma reflexão a respeito da importância desta temática ao longo do ano letivo, sendo assim, não restringindo a abordagem do assunto somente em datas comemorativas.

Além disso, os educadores destacaram a importância de conhecer o contexto cultural do educando ao abordar uma temática em sala de aula, ou seja, os programas dos quais eles entram em contato para formarem a sua opinião a respeito de um assunto. No caso da temática indígena, enfatizaram a importância dos educadores terem conhecimento, por exemplo, dos programas, desenhos e filmes que os alunos têm contato no cotidiano, pois, a partir desta perspectiva, os professores irão explorar as imagens e estereótipos abordados neste universo midiático a partir de um enfoque crítico.

Destaca-se ainda, que um dos pontos destacados ao longo dos debates se refere à temática da Educação Ambiental e sua relação com a preservação cultural das comunidades indígenas. Os participantes destacaram que estas populações sofrem diretamente com os problemas ambientais globais, por esse motivo, a Educação Ambiental deve aprofundar a reflexão crítica sobre os processos degeneradores de seus ambientes de vida: agricultura transgênica, contaminação dos solos e água, concentração de terras, destruição da biodiversidade das florestas, sendo a problematização desta temática um compromisso que deve ser assumido pela escola. Destaca-se que estes povos, em



seu modo de vida, na relação específica que estabelecem com o meio ambiente, podem ser uma referência para o desenvolvimento de outra consciência sobre a natureza que possibilite negar a visão mercantilista, da lógica do lucro e do desperdício presente na ordem econômica dominante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GALLOIS, Dominique Tilkin. Programa de educação Waiãpi: reivindicações indígenas *versus* modelos de escolas. In: SILVA; FERREIRA. **Práticas pedagógicas na escola indígena**. São Paulo: Global, 2001.
- LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LOUREIRO, Calos Frederico. **Trajetória e fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LUZ, Lídia Izabel da. Fontes de informação sobre populações indígenas no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da. **A questão indígena na sala de aula: subsídios para professores de 1º e 2º graus**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MACEDO, Ana Vera L.; FARAGE, Nadia. Construção de histórias. Ensino de história: algumas propostas. In: SILVA & FERREIRA. **Práticas pedagógicas na escola indígena**. São Paulo: Global, 2001.
- MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva. Reescrevendo a história do Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da. **A questão indígena na sala de aula: subsídios para professores de 1º e 2º graus**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MONTEIRO, John Manuel. O desafio da história indígena no Brasil. In: SILVA & GRUPIONI (org). **A temática indígena na escola: subsídios para professores de 1º e 2º graus**. São Paulo: MEC / MARI / UNESCO, 1998.
- NEVES, Eduardo Góes. Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. In: SILVA et al (org). **A temática indígena na escola: subsídios para professores de 1º e 2º graus**. São Paulo: MEC / MARI / UNESCO, 1998.



- RICARDO, Carlos Alberto. “Os índios” e a sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil. In: SILVA et al (org). **A temática indígena na escola: subsídios para professores de 1º e 2º graus**. São Paulo: MEC / MARI / UNESCO, 1998.
- SILVA, Aracy Lopes da. Nem taba, nem oca: uma coletânea de textos a disposição dos professores. **A questão indígena na sala de aula: subsídios para professores de 1º e 2º graus**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SILVA, Rosa Helena Dias da; BONIN, Iara Tatiana. Educação, escola e autonomia indígena: um diálogo possível e necessário. In: **Textos e Pretextos**. Revista da Articulação Nacional de Educação – ANE - CIMI, publicação anual. Ano II, n.2, abril de 2002.
- TASSINARI, Antonella Maria I. Sociedades indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural. In: SILVA et al (org). **A temática indígena na escola: subsídios para professores de 1º e 2º graus**. São Paulo: MEC / MARI / UNESCO, 1998.
- VIDAL, Lux B.; SILVA Aracy Lopes da. O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material. In: SILVA et al (org). **A temática indígena na escola: subsídios para professores de 1º e 2º graus**. São Paulo: MEC / MARI / UNESCO, 1998.
- VIDAL, Lux B.; SILVEIRA, Luis Fabio; LIMA, Renato Gabam. A pesquisa sobre a avifauna da bacia do Uaçá: uma abordagem interdisciplinar. In: SILVA; FERREIRA. **Práticas pedagógicas na escola indígena**. São Paulo: Global, 2001.